

# COISAS DA POLÍTICA

DORA KRAMER

## ACM já fala em romper com FH

S ubiu, e já beira a fervura, a temperatura das relações entre o Planalto e o PFL de Antônio Carlos Magalhães. De parte a parte, os adjetivos utilizados na intimidade para referência mútua não são os mais elogiosos. Os baianos, que na noite de segunda-feira eram puro dengo com Fernando Henrique, ontem afiavam as línguas e se preparavam para a guerra.

Ainda surda, é verdade. Não é hora de se esperar que o partido venha a público — como de quando em vez faz o PMDB — para falar em rompimento aberto. Mas que o presidente já não pode contar com os mesmos aliados da eleição, lá isso não pode mesmo. Se não se mantiver atento e de olhos bem abertos, poderá ter surpresas desagradáveis.

Até porque não terá no PFL um adversário explícito, mas um inimigo em seu próprio campo. Como um cão feroz que se cria no quintal.

Da parte do Planalto também não há disposição para grandes carinhos. “É ACM lá e o governo cá”, resume um ministro que integra também a roda de amigos do presidente.

O senador Antônio Carlos prefere manter-se enigmático sobre o futuro mas, bem ao seu estilo, não deixa de firmar posição e admite a possibilidade de recrudescer. “Depende da Bahia.” Isso quer dizer o seguinte:

Muito mais que as reformas, o partido, o governo, o presidente, para ACM o que conta é sua gente. Ele agora vai esperar a conclusão do caso Econômico e examinar o resultado. Se for satisfatório para a Bahia, muito bem. Se não for, perguntará aos baianos qual deverá ser o seu destino.

“Vou à praça pública e lanço a questão. Se a Bahia achar que devo romper, eu rompo.” E, desde já, antecipa que se o episódio não for “bem resolvido” a exigência regional será esta mesmo.

ACM não diz com todas as letras, mas deixa bastante claro que houve aí quebra de confiança. Segundo ele, na noite de segunda para terça-feira foi o próprio presidente do Banco Central, Gustavo Loyola, quem garantiu a Daniel Dantas pelo telefone o acordo da estadualização.

“Ninguém falou em garantias.” Então, houve o quê?

“O homem mudou”, diz apenas.

E a marcha baiana sobre o Planalto?

Antônio Carlos assegura que quem mandou que ele fosse ao Palácio com a bancada federal foi o próprio presidente. “Eu preferia ir sozinho.”

Já a versão do governo sobre o que se falou naquela noite do acordo é diferente. Fernando Henrique teria concordado com os termos propostos, mas ressalvado que ainda seria necessário examinar por quais mecanismos se daria a estadualização do banco.

E o mecanismo foi o que se viu, a exigência de que o estado colocasse dinheiro no banco.

Daí a fissura que se desenha nesta altura irreparável. O senador não chega a concordar completamente com o raciocínio, preferindo deixar um mistério no ar: “A situação não está tão ruim como se diz, mas também não está tão boa quanto eles pensam.”

A questão agora é saber como fica o relacionamento mais do que cordial que sempre houve entre o presidente e Luís Eduardo Magalhães.

ACM, por seu lado, tem um palpite: “Luís Eduardo é solidário conosco, alguém duvida?”

### A outra banda

Enquanto a briga se avizinha poderosa no terreno governista, a esquerda aguarda para ver o que acontece. Por enquanto a avaliação é a de que o governo agiu corretamente. E que, se se mantiver assim, o caso do Econômico pode abrir duas frentes:

Uma no sentido da abertura de um canal de interlocução entre governo e oposição e outra em direção ao fortalecimento do debate em torno da reforma do sistema financeiro em geral e da independência do Banco Central em particular.

Duas lideranças de esquerda, José Genoíno e Roberto Freire, pensam assim. Não que o governo vá mudar sua base de sustentação, não que a oposição vá se transformar em aliada.

Mas, no que até agora consideram um sinal positivo de que Fernando Henrique protegeu seus técnicos em detrimento do exercício do privilégio político, enxergam um traço de união. Mas só com relação à discussão das reformas.

Para eles, no entanto, já há o que comemorar. Acreditam que o episódio reforça antiga tese da esquerda que reza que os partidos liberais na verdade são aqueles que usam com liberalidade o dinheiro público.